

Caminhar e desenhar como síntese da paisagem: a linguagem do desenho como processo de síntese no ensino da arquitectura paisagista

PAULA SIMÕES
SUSANA MENDES SILVA

#4 Este texto surge de um exercício interdisciplinar feito com a turma do primeiro ano de Arquitectura Paisagista da Universidade de Évora no ano lectivo de 2015-16. Enquanto docentes de Fundamentos de Arquitectura Paisagista e Desenho I – Paula Simões e Susana Mendes Silva – propuseram à turma um percurso pedestre da Praça do Giraldo ao Alto de São Bento para a compreensão através de exercícios de desenho de síntese, da paisagem em que a cidade de Évora se inscreve.

Ao longo do percurso, que durou um dia, importou vivenciar as idiossincrasias e a escala dos vários espaços, as transformações da paisagem, bem como entender o desenho enquanto ferramenta para experienciar e pensar sobre o que nos rodeia. Quisemos também introduzir a relação que se desenvolve entre o acto de desenhar e a necessária capacidade de síntese dos elementos ecológicos, culturais, estéticos, patrimoniais, sociais, económicos e sensoriais que se pede que o/a arquitecto/a paisagista saiba ver, sentir, ler e interpretar na paisagem.

Palavras-chave: Caminhar, Desenhar, Paisagem, Interdisciplinaridade

This text arises from an interdisciplinary exercise done with the first year class of the Landscape Architecture degree of the University of Évora in the academic year 2015-16. As lecturers of Introduction to Landscape Architecture and Drawing I – Paula Simões and Susana Mendes Silva – proposed to the class a pedestrian route from Praça do Giraldo to Alto de São Bento in order to understand the city and drawing exercises of city profiles.

Along the route, which lasted one day, it was important to experience the idiosyncrasies and the scale of the various spaces, the transformations of the landscape, as well as understanding drawing as a tool to experience and to think about what surrounds us. We also wanted to introduce the relationship that develops between the act of drawing and the necessary capacity for synthesis of ecological, cultural, aesthetic, heritage, social, economic and sensorial elements that the landscape architect is asked to know how to see, feel, read and interpret in the landscape.

Keywords: Walking, Drawing, Landscape, Interdisciplinarity

INTRODUÇÃO

Este texto organiza-se em três momentos. Um primeiro, onde reflectimos brevemente sobre o conceito de paisagem e o interesse multidisciplinar que o envolve, a importância de capacitar a/o estudante de Arquitectura Paisagista (AP) para o necessário processo de síntese da dimensão sistémica e complexa do seu objecto de estudo e de como o desenho se constitui ferramenta, por excelência, de análise e representação na prática da AP. Num segundo momento, apresentamos a metodologia que foi experimentada num exercício interdisciplinar, no âmbito das unidades curriculares de *Fundamentos de Arquitectura Paisagista* e *Desenho I* ministradas na Universidade de Évora, às/aos estudantes do 1º ano da licenciatura em AP, no qual, através de um percurso, e pelo acto de caminhar e de desenhar enquanto acção performativa, se explorou a dimensão sistémica e complexa da paisagem ao olhar da AP.

Concluimos com uma reflexão acerca da importância do acto de registar, através do desenho, o processo de análise, caracterização e representação da paisagem existente e proposta, de forma a que a capacidade de síntese e de comunicação, adquirida ao longo do processo de formação, seja assumida como ferramenta essencial no exercício da profissão, adaptando essa valência à escala, tipologia e natureza de cada trabalho.

1. PAISAGEM: OBJECTO DE ESTUDO DA/ O ARQUITECTA/O PAISAGISTA

A paisagem é inerente ao indivíduo, a consciência e a experiência são o que a tornam uma ordem estética; por isso, entendemos que enquanto “representação da forma como o Homem lê, aproveita, explora e possui a terra e da forma como se relaciona com os sistemas naturais (...) [a paisagem] decorre do simples olhar do Homem sobre o território e constrói-se na espessura do tempo, pela acção de um filtro sociocultural sobre os recursos ecológico-naturais (biofísicos).” (Simões, 2015, p.33). Necessariamente, no processo de apreensão, leitura, es-

Fig.1 Itinerário do percurso sobre fotografia aérea e carta militar.

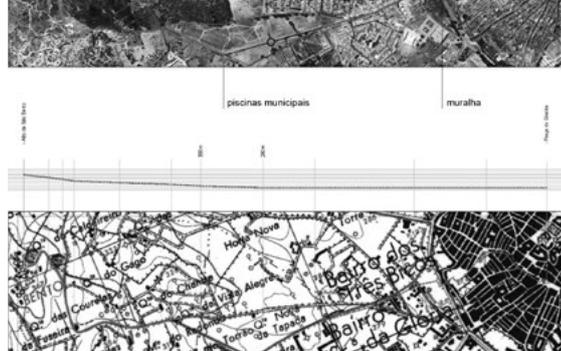
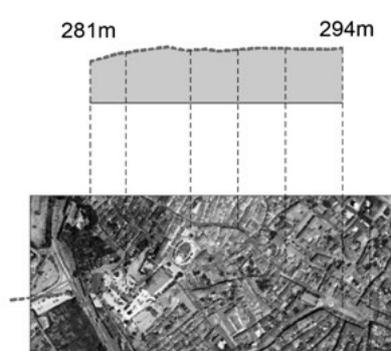


Fig.2 1º troço (variação altimétrica e pausas).



05

tudo e representação desta forma de entendimento da paisagem como “objeto de atención, ‘charnela’ entre el enfoque científico, abstracto y cuantitativo y el mundo de la cultura empírica y sensorial” (Bernaldez, 1981, p.211) é fundamental assegurar a complementaridade de todas as realidades que envolvem e é essencial contemplar a realidade estética que nela vivemos (Assunto, 1994).

A/O arquitecta/o paisagista procura consolidar o seu entendimento multidisciplinar da paisagem colhendo orientações noutras áreas do conhecimento – geografia, sociologia, antropologia, etnografia, história, ecologia – e recorre à representação visual para traduzir num desenho uma trama que lhe possibilita cruzar e analisar os elementos provenientes dos diferentes saberes. Gomes explica que esses “elementos de ordens diferentes que figuram sobre um mesmo plano (...) colaboram todos na proposição de um sentido (...), na composição final têm importância, sejam eles de ordem natural ou cultural” (Gomes, 2008, p.20).

1.1 ARQUITECTURA PAISAGISTA ENQUANTO ARTE E CIÊNCIA

Consciente de que as/os arquitectas/os paisagistas são actores privilegiadas/os na produção da paisagem, o ensino da AP na Universidade de Évora baseia-se numa visão hermenêutica da paisagem, ensina as/os suas/seus estudantes a ler, através de uma visão, que também é poética, o sábio equilíbrio entre arte e ciência¹ e utiliza a própria paisagem como laboratório onde ensaia leituras e técnicas de representação dos processos de formação e gestão da própria paisagem.

A unidade curricular de *Fundamentos de Arquitectura Paisagista* introduz a/o estudante no âmbito de actuação da/o arquitecta/o paisagista, desperta/o para a dimensão da AP enquanto ciência e arte e familiariza-a/o com instrumentos metodológicos tanto conceptuais como operativos, dando especial enfoque à dimensão sistémica e complexa da paisagem para explicar alguns dos conceitos globais de intervenção [na Paisagem]: *continuum naturale*, paisagem global e *genius loci*.

Desde 1999 que se introduziu, no programa de Desenho V/VI, o exercício de percurso enquanto modo performativo de entender a paisagem nas suas várias dimensões e escalas. Este exercício, que se desenvolvia de modo deambulatório ao nível conceptual e físico, era informado pelas experiências e práticas de caminhar das/os artistas a partir dos anos 1970, como Vito Acconci e Richard Long, ou mais recentes como Janet Cardiff. No ano lectivo de 2015/16 desenvolveu-se também, no âmbito do 2ºciclo / mestrado em AP, um exercício de percurso sobre a prática do caminhar para a disciplina de Estudos Visuais desenvolvido conjuntamente pela curadora e investigadora Antónia Gaeta e por Susana Mendes Silva. No entanto, estes eram exercícios cuja componente poética e de experimentação artística eram fundamentais na aproximação aos espaços e paisagens. No exercício que propusémos à nossa turma de 1º ano, interessava, fundamentalmente, colocá-los na paisagem onde iriam viver durante três anos e introduzi-los a novas formas de olhar, observar, escutar e analisar os espaços a partir de uma visão crítica sobre uma cidade e o contexto em que se ela inscreve.

2. O PERCURSO: DA PRAÇA DO GIRALDO AO ALTO DE SÃO BENTO

2.1. OBJECTIVOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O exercício proposto à turma promoveu, através da realização de um percurso na cidade, um primeiro contacto directo e prático com um objecto de análise. Ainda na sala de aula, distribuámos um mapa à turma com o percurso (Fig.1). Com cerca de 3,4 km, o itinerário subdividia-se em dois troços distintos: um primeiro, intramuralhas, com 1 km e uma variação altimétrica de 13 metros, e o segundo, mais longo, com uma acumulação de 80 metros, que nos levaria à periferia da cidade.

Propôs-se a cada aluna/o que, individualmente, realizasse uma análise sequencial e dinâmica de um troço de paisagem dando especial impor-

ARTIGO

¹ Veja-se a obra de Nuno Mendonça, docente e investigador pelo Centro de História de Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora (CHAIA), ligado à fundação do ensino de Arquitectura Paisagista em Évora – publicada em 2006, “Rio Côa – a arte da água e da pedra”. Évora: Casa do Sul/CHA-UE.

Fig.3 e 4 Descoberta da skyline na praça do Giraldo por Gonçalo Gomes Pinheiro, e por Márcia Garcia e Neuza Palma.



#4

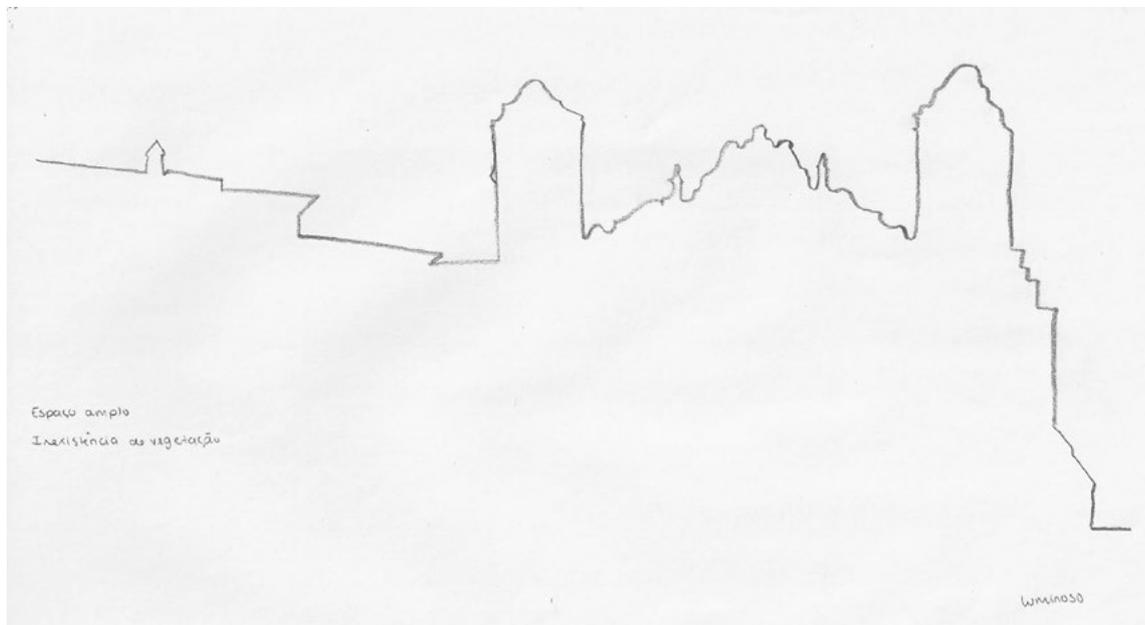


Fig.5 Desenho de Marta Aragão Terlim.

tância aos sistemas morfológico, ecológico e cultural, à estrutura visual e aos componentes estéticos e poéticos e que registasse a sua experiência através do desenho.

No decorrer do percurso, o diálogo procurou despertar as/os estudantes para ideias, conceitos e temática da AP ligando-os às realidades do quotidiano. Provocaram-se momentos de paragem em lugares previamente definidos de modo a explorar sucessões de pontos de vista, entender a diferença de escalas, a transição urbano-rural e a diversidade de tipologias de uso do solo. Nessas pausas houve trocas de impressões e a realização de registos gráficos, num processo de transferência das características, espacialidades e ambiências observadas e percebidas para o papel, sem descurar a importância dos aspectos de vivência subjectiva – luz, tonalidades, aromas, sonoridades – que despertam os sentidos.

Sáimos do Colégio Luís António Verney e subimos à Praça do Giraldo – um dos espaços de maior centralidade da cidade de Évora – o início do percurso.

2.2. TROÇO DA PRAÇA DO GIRALDO À PORTA NOVA

Na praça, sentámo-nos nas arcadas e iniciámos a experiência começando por lhes pedir para desenharem apenas uma linha: *a linha que o céu forma ao tocar o topo dos edifícios*. O azul do céu estava particularmente límpido e profundo pelo que essa skyline apareceu com bastante facilidade (Fig. 3, 4 e 5).

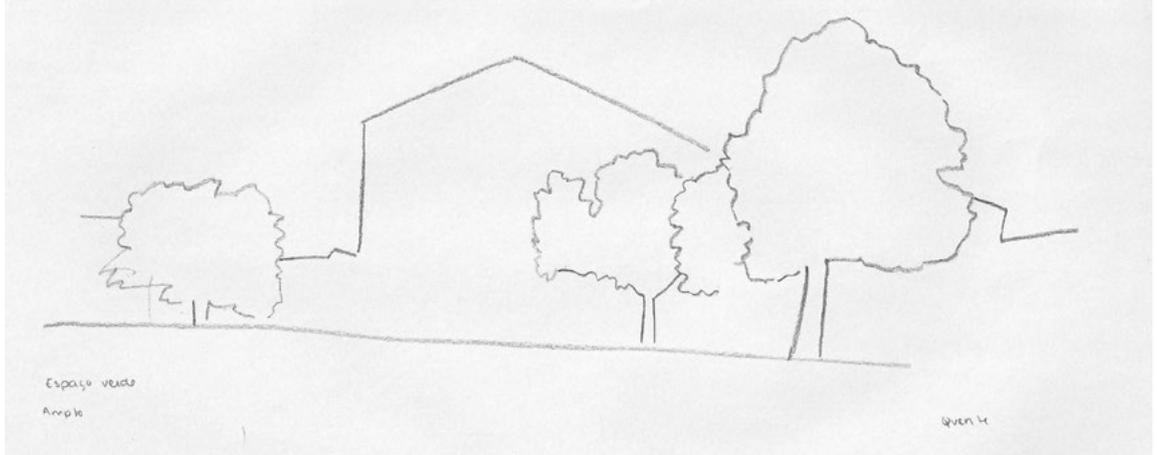
De seguida percorremos a Rua João de Deus até ao Largo Luiz de Camões. Com atenção às diferentes tipologias de espaços e sub-espacos que o andar nos revelava, num percurso com pouco mais de 250 metros, apreciámos alguns elementos arquitectónicos de ligação e vestígios que se entrelaçam no tecido urbano, rico e diversificado da cidade de Évora. Explicámos como estes revelam diferentes épocas do crescimento urbano e anunciam relações visuais e físicas entre o espaço privado e o público – a cerca romana, as galerias, as varandas, as ramadas, a vegetação e as copas, ou o som de aves que nos anunciavam a existência de vazios, escondidos na malha urbana. Esta parte do exercício é bastante devedora da abordagem lúdica e analítica,

Fig.6 Na Praça
Joaquim António
de Aguiar.



05

Fig.7 Desenho
da praça de Marta
Aragão Terlim.



hoje já clássica, de Gordon Cullen e do seu interesse pela natureza múltipla das cidades.

A toponímia revelou-nos, também, dados valiosos da história da cidade, do seu crescimento, dos ofícios e actividades comerciais. Depois da arcaria, que existe no topo norte da Rua José Elias Garcia fomos confrontadas/os com o vazio da Praça Joaquim António de Aguiar. Sob o sol quente do fim da manhã, observámos a luz, a escala, a heterogeneidade arquitectónica e a irregularidade dos limites, a topografia, o jardim central sobre o estacionamento subterrâneo e, por fim, a volumetria do imponente Teatro Garcia de Resende. Desenhámos alguns pormenores das materialidades, da vegetação e da arquitectura repleta de camadas de diversas épocas.

Terminado o registo, reiniciámos a caminhada contornando o Teatro pela rua em rampa que nos permitiu chegar ao estacionamento: um vazio de enorme dimensão, encaixado e rebaixado a tardoz do edifício. No topo dessa rampa tivemos, pela primeira vez, contacto visual, com a paisagem mais longínqua, aparentemente inatingível, e percebemos como a malha urbana se alarga de encontro à muralha recebendo espaços verdes de produção, de escala mais expressiva. Pela Rua dos Penedos, identificámos construções adossadas à Muralha Fernandina e chegamos à Porta Nova.

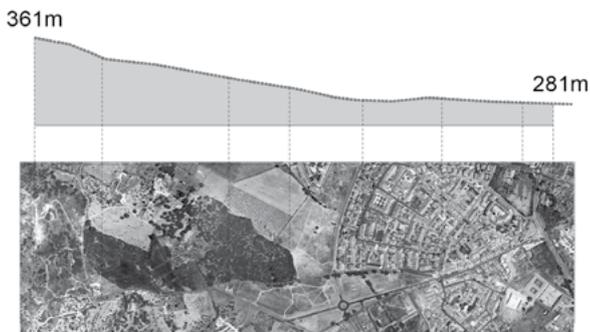
2.3. TROÇO DA PORTA NOVA AOS MOINHOS DO ALTO DE SÃO BENTO

Saindo da Cerca Nova, tomámos o rumo pela Av. Eng. Arantes de Oliveira, que nos revelou a memória das quintas apalaçadas que alimentavam a cidade, como a Quinta do Chantre ou da Malagueira, as diferenças de escala da malha da cidade expandida além muralha, e as tipologias dos bairros extramuros. A subida para o cabeço do Alto de São Bento revelou-nos um espaço de merendas abrigado nas sombras de um ecossistema muito diversificado e complexo, de matos mediterrânicos subtropicais, onde alguns pinheiros mansos, sobreiros e azinheiras nos ofereciam um refrigério. O almoço partilhado trouxe e o debate e pôs em evidência a importância da convivialidade, da partilha de ideias e sensações (Fig. 9).

Findo o almoço dobrámos a linha de festo e alcançámos os moinhos de vento, estrategicamente construídos no geo-sítio de onde se domina, fisiográfica e visualmente, uma panorâmica imensa sobre a cidade e o latifúndio que se dilui na peneplanície, até onde a vista alcança ou onde as serras — Ossa, Portel e Monfurado — nos fecham o horizonte longínquo.

Percebemos que a cidade de Évora está estrategicamente implantada num ponto alto que fisiograficamente assinala a separação de três bacias hi-

Fig.8 2º troço
(variação
altimétrica
e pausas).



#4

drográficas importantes e explica a sua importância militar como ponto estratégico à escala regional.

Situados no emblemático miradouro do Alto de São Bento, com a cidade defronte, inscrevemos sobre aquela panorâmica a linha do nosso percurso. Conseguimos ler algumas fases de crescimento da cidade, identificámos elementos de referência da malha urbana (Sé, Teatro Gracia de Resende, Aqueduto), os silos, os bairros por onde passámos, a zona industrial e facilmente reconhecemos o mirante da Quinta do Chantre. Dali, lemos também o carácter rural da periferia, as linhas de água, as tramas e a riqueza cromática e diversificada da vegetação.

Fig.9 Pausa no
parque de merendas.



CONCLUSÃO

Qual é, então, a importância de caminhar e desenhar enquanto processo de síntese? O primeiro ensinamento que quisemos transmitir é que a realidade está na rua, fora da sala, na paisagem, na natureza. E a forma mais directa de o fazer é deslocarmo-nos num dado espaço por nós mesmas/os — com ou sem destino — e aprendermos dialogicamente novas formas de olhar para o que nos rodeia. Como afirma Juan José Gómez Molina, através de gestos e estruturas o desenho “ao mesmo tempo que configura uma ideia, comunica e informa sobre a estrutura com que cada pessoa capta o fenómeno” (Molina, 1995, p.18). No nosso percurso, foi importante que os exercícios de observação e desenho propostos — muito simples porque iam ser executados por algumas/uns estudantes sem qualquer formação anterior — pudessem ser entendidos como uma ferramenta de pensamento, análise e compreensão. E assim começamos a ensinar, a explorar e a construir novas percepções e representações que lhes permitam comunicar e sintetizar o que se evidencia na complexidade da realidade observada. Mas, também, a entender e a traduzir da paisagem as significâncias e visibilidades que nos permitem compreender que elas são naturais, históricas, culturais e sociais, que resultam da actividade humana, dos processos produtivos e da transformação ecológica em busca de um equilíbrio que é fundamental não descurar. Cada desenho de paisagem está carregado de significados, interpretações e percepções do/a seu/sua autor/a.

O artista plástico Bruce Nauman afirma mesmo que “desenhar é o equivalente a pensar. Alguns desenhos fazem-se com a mesma intenção com que se escreve: são notas que se tomam”². E o desenho é, de facto, uma forma de pensamento, mas também uma forma de representação simbólica, um instrumento didáctico, uma ferramenta de análise que produz uma confrontação entre conhecimento e a realidade. Aliás, o desenho sempre ocupou uma função primordial na formação em AP em Évora e como tal é, desde sempre, uma competência basilar. A aproximação metodológica

² Van Bruggen, *Bruce Nauman*, New York, 1988, p.109.

Fig.10 Desenho panorâmico com vários planos desde o Alto de São Bento (de Marta Aragão Terlim).

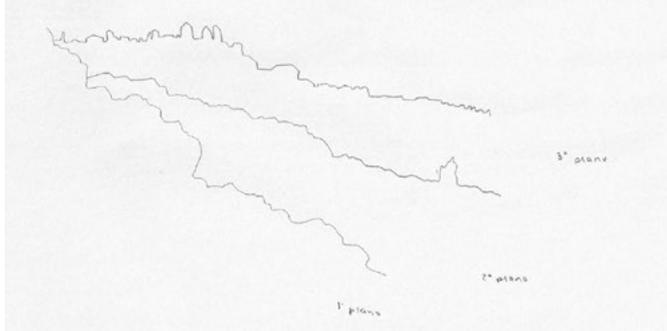


Fig.11 Panorâmica do Alto de São Bento.

05

procura responder à aquisição de conhecimentos e de competências não apenas do desenho *per se*, mas do desenho numa perspectiva interdisciplinar no âmbito dessa formação, tendo em conta as suas dimensões estéticas, ecológicas, culturais e éticas. Não só é valorizada a componente prática, mas também o facto de o desenho abrir um espaço para pensar e representar as nossas ideias, bem como o que nos rodeia³.

Porque o que representamos como paisagem é “tudo aquilo que nós vemos (...). Esta pode ser definida como o domínio visível, aquilo que a vista abarca. [E] não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, etc. (...) A percepção é sempre um processo selectivo de apreensão” (Santos, 1988, p.61-62). A experiência de percorrer um itinerário, desde o centro urbano da cidade de Évora até à sua periferia, apelando aos sentidos e captando os usos, as formas, as funções, as materialidades e toda a complexidade de elementos que representam a relação da pessoa humana com o território foi a forma mais completa de despertar as/os estudantes para o corpo teórico e filosófico da AP introduzindo o vasto o campo de acção da profissão cuja formação estavam a iniciar.

BIBLIOGRAFIA

- Assunto, R. (1994). *Il paesaggio e l'estetica*, Novecento. Palermo.
- Bernaldez, G. (1981). *Ecologia y Paisage*. Blume. Madrid.
- Caldeira Cabral, F. (1993). *Fundamentos da arquitectura paisagista*. Instituto da Conservação da Natureza. Lisboa.
- Caldeira Cabral, F. (1982). “O Continuum naturale e a Conservação da Natureza”. *Conservação da Natureza*. Serv. Estudos do Ambiente. Lisboa. p.35-54.
- Caldeira Cabral, F. e Ribeiro Telles, G. (1960). *A Árvore*. D.G.S.U. Lisboa.
- Cancela d'Abreu A., Pinto Correia T., e Oliveira R. (2004). *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal Continental*. Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano (DGOTDU), Lisboa. Volume 1.
- Colvin, B. (1973). *Land and Landscape*. J. Murray. London.
- Crowe, N. e Laseau, P. (1986). *Visual Notes for Architects and Designers*. John Wiley & Sons. New Jersey.
- Cullen, G. (1996). *Paisagem Urbana*. Edições 70. Lisboa.
- Donadieu, P.e M. Périgord, (2007). *Le paysage*. Armand Colin. Paris.
- Gaeta, A. (2017). *Curar o caminhar. Sobre a relação possível entre o acto de caminhar e a prática curatorial*. Tese de doutoramento em Arte Contemporânea, Colégio das Artes da Universidade de Coimbra.
- Jellicoe, J. A. e S. Jellicoe (1985). *The Landscape of Man*. Thames and Hudson. London.
- Lassus, B. (1976). “Une poétique du paysage: le démesurable”. In *Habitat I, Conférence de L'ONU*. Ministère de la Qualité de la Vie. Paris/Vancouver.
- Massironi, M. (1983). *Ver pelo Desenho - Aspectos técnicos, cognitivos, comunicativos*. Edições 70. Lisboa.
- Mendes da Silva, S. (2015). *Programa de Desenho I, 2015-16*. Licenciatura em Arquitectura Paisagista. Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento. Universidade de Évora.
- Mendes da Silva, S. (2014). *Sobre a importância do Desenho em Arquitectura Paisagista*. Comunicação apresentada no Encontro Nacional de Alunos de Arquitectura Paisagista, 14. Universidade de Évora.
- Mendoça, N. (1989). *Para uma poética da Paisagem*. Tese de Doutoramento no ramo das Artes e Técnicas da Paisagem. Universidade de Évora.
- Molina, J. (1995). *Las Lecciones del Dibujo*. Cátedra. Madrid.
- Neuray, G. (1982). *Des paysages. Pour qui? Pourquoi? Comment?* Les Presses Agronomiques de Gembloux.

ARTIGO

Escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

³ Mendes Silva, *Programa de Desenho I, Licenciatura em Arquitectura Paisagista*, UÉ.

- Newton, N. (1976). *Design on Land*. Belknap Press. London.
- Proença, R. (1983). *Guia de Portugal Estremadura, Alentejo e Algarve*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. Volumes 1 e 2.
- Raposo de Magalhães, M. (2001) *A arquitectura paisagista, morfologia e complexidade*. Editorial Estampa. Lisboa.
- Raposo de Magalhães, M. (2007). “Paisagem – perspectiva da arquitectura paisagista”. In A. Serrão (ed.). *Philosophica, estéticas da natureza*. Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. p.103-114.
- Ribeiro Telles, G. (1993). *A Paisagem Global*. Lição proferida aquando da sua jubilação na Universidade de Évora. Évora.
- Rogers, E. (2001). *Landscape design: a cultural and architectural history*. Harry N. Abrams, Inc. New York.
- Simões, P.(2015). *Guardiões da Paisagem - Os montes alentejanos. Lugares de Memória*. Tese de doutoramento em Artes e Técnicas da Paisagem. Universidade de Évora.
- Simões, P.(2015). “Programa de Fundamentos de Arquitectura Paisagista 2015-16”. Licenciatura em Arquitectura Paisagista. Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento. Universidade de Évora.
- Verdum, R. *et.al.* (2012). *Paisagem, Leituras, Significados, transformações*. UFRGS. Rio Grande do Sul.

PAULA SIMÕES

Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade de Évora
e CHAIA
pmss.sitioelugar@gmail.com

Arquiteta Paisagista e Professora Auxiliar no Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento da Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade de Évora. É também membro integrado no Centro de História da Arte e Investigação Artística CHAIA/UÉ.

SUSANA MENDES SILVA

Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade de Évora
e CEIS/20 Universidade de Coimbra
susana.mendes.silva@gmail.com

Artista Plástica, Performer e Professora Auxiliar no Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento da Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade de Évora. É também membro integrado do CEIS 20/ Universidade de Coimbra.